

Homenagem ao fim da linhagem

A exposição *Seabranano e Seabrina*¹ de Constança Meira foi idealizada para ser apresentada no Laboratório de Química Analítica do museu Nacional de História Natural e da Ciência com o propósito da artista revelar o seu lado mais intimista e com a intenção de homenagear o seu bisavô Antero de Seabra, ilustre naturalista e entomologista. É uma exposição poética, constituída por trabalhos artísticos que nos remetem para as nossas vivências oníricas.

A exposição constrói-se e materializa-se em conjuntos de objectos apresentados como se fossem relíquias, em baús, cofres ou em caixas simbolizando gavetas, contentores de memórias recheados de fragmentos desse passado tornado presente. O laboratório ficou repleto de excertos de vidas. “Uma gaveta vazia é *inimaginável*. Pode apenas ser *pensada*. E para nós que temos que descrever o que se imagina antes mesmo daquilo que se conhece, o que se sonha antes daquilo que se verifica, todos os armários estão cheios.”² Outros trabalhos, vestígios cartas, fotografias, luvas, ninhos, desenhos, lupas, minerais, estão contidos em redomas de vidro. Realçamos os desenhos de ilustração científica dos insectos realizados por Maria Augusta Santos Viegas de Seabra para o seu pai Antero de Seabra.

A exposição *site specific*, *Seabranano e Seabrina* remete-nos para o percurso que tem vindo a ser trabalhado pela artista, na recolha exaustiva de objectos e posterior organização sistemática com a intenção de concretizar a exposição à maneira naturalista. Constança Meira dá importância tanto ao que é incluído como o que é ocultado, ou deliberadamente esquecido na construção desta narrativa expositiva. “A memória da escolha, seu pecado original, tende a lançar uma longa sombra e a obscurecer até mesmo o convívio mais glorioso, chamado “afinidade”: a escolha, diferentemente da sina do parentesco, é uma via de mão dupla. Sempre se pode dar meia-volta, e a consciência de tal possibilidade torna ainda mais desanimadora a tarefa de manter a direção.”³ A artista traz para dentro do espaço-museu, o limite do seu mundo interior, familiar, como se a segurança, o conforto partissem de fora para dentro para conseguir criar.

¹ Como nos explica Constança Meira, “*Seabranano e Seabrina*, géneros de insectos hemípteros da fauna portuguesa, cunhados em homenagem ao meu bisavô materno. Antero de Seabra (1874-1952), insigne naturalista e entomologista português, pioneiro da entomologia médica, foi preparador-auxiliar desde que regressou dos seus estudos em Paris até 1904. Depois conservador da Secção Zoológica, e naturalista entre 1918 e 1921 do Museu e Laboratório Zoológico de Lisboa, instituição que antecedeu o Museu Bocage da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa e, assim, o actual MUHNAC.”

² Gaston Bachelard in: *Poética do Espaço*, p.197.

³ Zygmunt Bauman, in: *Amor Líquido, Sobre a fragilidade dos laços humanos*, p.35.

Como nos diz Constança Meira, “a enorme e irreparável perda de grande parte das colecções do museu, incluindo a rica colecção de entomologia tão bem cuidada por Antero de Seabra, no fatídico incêndio de 18 de Março de 1978, fica espelhada na perda linhagística que subjaz, enquanto tema central, a este trabalho refletindo, no modo de compor os diferentes conjuntos de objectos, uma organização científica, classificadora, que os remete para patrimónios concebidos enquanto parte de um gabinete de curiosidades (de formas plásticas e materiais curiosos), mas também de memórias, de herança familiar, e de valorização do feminino.” A artista faz uma aproximação aos gabinetes de curiosidades, criados na Europa a partir do final do século XV até ao século XVIII. Salas onde eram depositados variadíssimos objectos de arte, instrumentos de ciência, animais, plantas e curiosidades ligadas às expedições realizadas ao novo mundo. Com a intenção de preservar e apresentar publicamente estas maravilhas criaram-se os *Cabinet d’Amateur* que deram origem a grande parte dos nossos museus.

Constança Meira tem também o propósito de partilhar connosco os seus baús de família, objectos guardados por várias gerações e criteriosamente seleccionados e instalados no laboratório. “Antigamente, as mulheres guardavam muito. Guardavam os brinquedos dos filhos, os trabalhos da escola, as primeiras recordações. Guardavam as fotografias da juventude. Fotografias escuras, desfocadas, que as deslumbravam. Guardavam os vestidos de rapariga, o vestido de casamento, o ramo de flores de laranjeira, mas, antes de mais nada, as fotografias. As fotografias de um mundo que os filhos dela não tinham conhecido, válidas para elas, apenas.”⁴ Os objectos apresentados assumem agora um novo significado, possuem uma outra existência, para lá da mera função de qualquer um desses objectos reconhecíveis. Transformados, manipulados e essencialmente desvinculados do seu ambiente original, estes objectos projectam-se e transforma-se em objectos artísticos.

“A herança até agora abandonada, e andar, andar, ser humilde, sofrer, abalar-se na base, sem esperanças. Sobretudo sem esperanças. Amava sua escolha e a serenidade agora alisava-lhe o rosto, permitia vir à sua consciência momentos passados, mortos. Ser uma daquelas pessoas sem orgulho e sem pudor que a qualquer instante se confiam a estranhos.”⁵ Seguindo este caminho de continuidade ancestral que lhe foi legado, Constança Meira cumpriu a sua tarefa e o seu propósito foi alcançado com a realização desta exposição como artista, filha, neta e bisneta e assim a linhagem não foi quebrada.

Sofia Marçal

⁴ Marguerithe Duras, in: *A vida Material*, p.63-64.

⁵ Clarice Lispector, in *Perto do Coração Selvagem*, p. 98.